



Os Muitos Cabras de Coutinho¹

Nome²

Vinculação Institucional

Resumo

Este trabalho relaciona o filme *Cabra Marcado para Morrer* (Eduardo Coutinho, 1984) e suas atualizações, como a primeira experiência de produção feita pelo Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes em 1962 e os derradeiros documentários sobre os personagens do filme realizados para o lançamento do DVD em 2013, com os momentos históricos do Brasil relacionando seus pontos de convergência e contato.

Palavras-chave: Estudos de Cinema; Documentário; Narrativas audiovisuais; História do Brasil Contemporâneo

Introdução

O ano era 1962, o Brasil fervilhava entre o presidencialismo e o parlamentarismo depois da renúncia histriônica do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961. Seu vice, João Goulart, um membro do partido trabalhista (PTB), porém filho da elite rural do estado do Rio Grande do Sul governava o país através de um regime de exceção, solução encontrada para contentar as alas conservadoras, compostas pelas elites dominantes e por setores das Forças Armadas que não aceitaram a sua posse, sob alegação da sua tendência esquerdista e pelos setores sociais e políticos mais identificados com os movimentos revolucionários que, naquele momento concentravam também os estudantes. Por este motivo o Brasil viveu entre 1961 e 1962

¹ Flávia Seligman, Dra ESPM Sul

² Doutora em Artes com opção em Cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2000). Professora dos cursos de Design e Jornalismo da ESPM Sul e do Curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Roteirista, produtora e diretora audiovisual.



um regime parlamentarista de governo que reduziu os poderes constitucionais de Goulart.

A União Nacional dos Estudantes, a UNE, foi fundada em 1937 e sempre participou ativamente dos movimentos populares no país, junto aos trabalhadores e aos sindicatos. A renúncia de Jânio Quadros em 1961 e a turbulência acerca da posse do vice João Goulart fizeram a UNE transferir momentaneamente sua sede, no ano 1961, para Porto Alegre. Ali, os estudantes tiveram atividade vital na chamada Campanha da Legalidade, movimento de resistência para garantir que Jango fosse empossado. Quando conseguiu chegar ao poder, o presidente foi o primeiro da história a visitar a sede da UNE, já no Rio de Janeiro. Desde aquele período, crescia a tensão entre os movimentos sociais e os grupos conservadores da sociedade, entre eles os militares, que tentavam intimidar e coibir as ações da UNE.³

Em 1962 a UNE lançou um projeto chamado UNE VOLANTE, que consistia em caravanas que rodariam o país registrando e mobilizando estudantes e trabalhadores em toda a dimensão nacional. A primeira delas partiu em conjunto com o Centro Popular de Cultura, o CPC, braço associado da entidade que congregava artistas e intelectuais engajados com o objetivo de criar uma arte popular revolucionária, coletiva e didática, aos moldes da cultura moderna da época. No cinema, a base era o formalismo soviético e o neorealismo italiano. Nomes provenientes do movimento Cinema Novo, como Carlos (Cacá) Diegues e Leon Hirzman, compunham sua diretoria, e era com estes intelectuais que o cineasta Eduardo Oliveira Coutinho (1933–2014) embarcou numa viagem ao nordeste brasileiro para registrar um país quase desconhecido pelo sudeste litorâneo e turístico.

Nesta viagem os estudantes de classe média deparam-se com o movimento das Ligas Camponesas (organizações no campo vinculadas ao Partido Comunista Brasileiro que congregavam trabalhadores rurais e lutavam pelos seus direitos, como reforma agrária) e com o assassinato do líder João Pedro Teixeira, morto a mando de usineiros numa emboscada. Estava escrito o argumento de Cabra marcado para morrer, um projeto de ficção que seria rodado em 1964 pela equipe do Centro Popular de Cultura da UNE, com Coutinho na direção. Os camponeses faziam seus próprios

³ UNE – União Nacional dos Estudantes - <http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/> Acesso em 24 de maio de 2015.



papéis e o filme teria cenário in loco, ali mesmo na Paraíba. As filmagens foram marcadas para começar no início de 1964. Ali iniciou esta história.

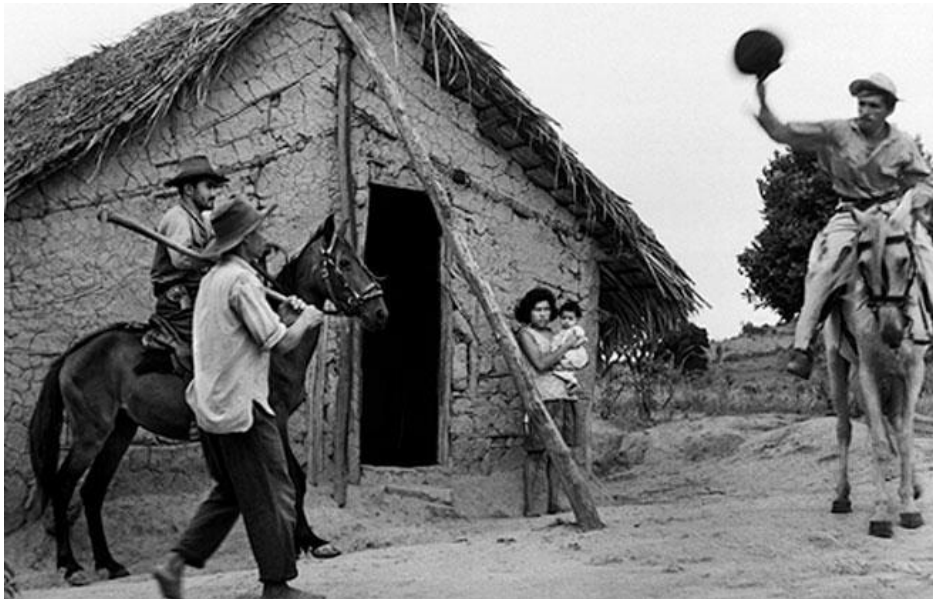


Foto de cena da primeira versão do filme *Cabra Marcado para Morrer*⁴

O primeiro *Cabra* começou em fevereiro, porém em abril tropas do Exército de Pernambuco invadiram as filmagens no Engenho Galiléia, no município de Vitória de Santo Antão. A idéia inicial de filmar na Paraíba já não havia dado certo, um confronto entre usineiros e camponeses promoveu um banho de sangue e a equipe e seus cooperados tiveram de procurar outro espaço. Por dois meses conseguiram trabalhar com mais harmonia, porém o Brasil continuava fervendo e não demorou a explodir. Desta vez, no entanto, as filmagens foram interrompidas mesmo, com equipe, elenco e assessores, principalmente Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro, figura carimbada e importante das Ligas fugindo imediatamente, por muito tempo.

⁴ www.contag.org.br. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA. 03/02/2014 <http://www.contag.org.br/indexdet2.php?modulo=portal&acao=interna2&codpag=101&id=9302&data=03/02/2014&nw=1&mt=1&in=1&ano=2014&mes=02> – Acesso em 25/05/2015



O Golpe Militar interrompeu o projeto iniciado em fevereiro e espalhou equipe e elenco, esfacelando principalmente a família de Elizabeth que nunca mais se reencontraria totalmente.

De volta ao início

Em 1981, recém saído de uma experiência de funcionário da Rede Globo de Televisão como um dos diretores do programa Globo Repórter, Coutinho embarcou com destino à Pernambuco, para procurar um desfecho a uma parte de sua própria história que ficara interrompida dezessete anos antes com o Golpe Militar brasileiro. Com a desculpa de participar de um Festival de Cinema, o cineasta resolveu procurar por um dos filhos de Elizabeth Teixeira. A história voltava a ser recontada de outra maneira.

Coutinho voltou dezessete anos depois aproveitando o período de anistia do Governo do General João Baptista Figueiredo, para mostrar aos moradores que restavam na região as imagens que haviam sobrevivido ao tempo e também para procurar as personagens perdidas por quase duas décadas de um Brasil conturbado. O reencontro com Elizabeth Teixeira e a conseqüente reconstituição da relação dela com os filhos daria ao cineasta a possibilidade de retomar seu próprio passado, transformando *Cabra* num dos primeiros documentários brasileiros denominados, anos mais tarde, como “filme de busca”, ou seja, como um filme baseado num objetivo, porém sem uma previsão de chegada. Onde o processo para alcançar este objetivo é o próprio filme.

Eduardo Coutinho conheceu Elizabeth Teixeira em 1962, quando, a convite da UNE Volante (braço cultural do CPC-UNE – Centro Popular de Cultura da União Nacional de Estudantes), foi ao Nordeste realizar



documentário sobre movimentos organizados de trabalhadores. Voltou para o Rio de Janeiro fascinado pela história da viúva do líder camponês, mãe de vasta prole. Escreveu, então, o roteiro de *Cabra Marcado para Morrer*. No começo de 1964, foi com sua pequena equipe (na qual estavam o fotógrafo Fernando Duarte e o assistente de direção Vladimir Carvalho) para Sapé. Lá, mobilizou camponeses como “atores” de seu filme. Dona Elizabeth interpretaria a protagonista feminina, a viúva do líder assassinado pelo latifúndio. Ou seja, ela mesma. João Mariano, o único de fora da Liga de Sapé, interpretaria João Pedro. Quando as filmagens estavam para começar, um conflito por terras antagonizou trabalhadores e proprietários, deixando saldo de muitos mortos.

Coutinho e sua equipe viram que ali, na paraibana Sapé, seria impossível filmar a história de João Pedro Teixeira. Procurou, então, locações em Pernambuco, junto à Liga Camponesa de Galileia, na região de Vitória do Santo Antão.

Em março de 1964, as filmagens engrenaram. Só que no dia 31, com o triunfo do golpe militar, o pior aconteceu. A equipe de filmagem, vista como extensão da subversão cubana no Nordeste brasileiro, passou a ser perseguida. Coutinho e equipe fugiram para o Rio. A câmera de filmagem foi escondida sob uma pedra, em Galileia. Quando descoberta, o *Diário de Pernambuco* a enumerou como parte do “arsenal bélico” dos subversivos que doutrinavam os camponeses em nome do comunismo. Salvaram-se, daquelas primeiras semanas de filmagem, apenas os negativos da trama ficcional, pois, encontravam-se em laboratório de revelação, no Rio de Janeiro. Com o triunfo do golpe, dona Elizabeth passou oito meses presa. Parentes dela e de João Pedro Teixeira (avós e tios) dividiram os nove filhos do casal. Nove, porque dois deles, naquela altura, já estavam mortos. Uma, Marluce Teixeira, tomara arsênio, meses depois da morte do pai (ainda em 1962). Outro fora vítima de um tiro na testa. Dona Elizabeth nada mais soubera do destino deste filho, se morrera, se sobrevivera. No filme, vemos foto dele com um balaço no meio da testa.

(ROSARIO, 2014)

Na primeira versão do projeto, no filme dramatizado e produzido pela UNE, podemos ver que Coutinho estava preocupado com o registro e com a denúncia de um estado social do país, movimento do qual ele participava ativamente junto à militância estudantil até o início do Golpe. O primeiro *Cabra* foi concebido para ser um manifesto



nos moldes de um cinema militante, um pouco fruto do Cinema Novo⁵, do qual Eduardo Coutinho também emergiu e faz a sua prece.

No segundo momento, na volta de Coutinho para buscar uma ação interrompida e decidir o que faria a partir do que já havia feito o filme que era um manifesto militante torna-se um momento de busca da história de Elizabeth, da história dos camponeses, mas principalmente, da história do próprio cineasta que voltou à Galileia para buscar a si mesmo, interrompido pelo Golpe Militar.

Para analisar o processo que Coutinho desenhou dezessete anos depois das primeiras filmagens de *Cabra marcado para morrer*, buscamos um termo utilizado pelo autor Jean Claude Bernardet em texto publicado no caderno de conferências do seminário O Cinema do Real, realizado em São Paulo em 2004, o *documentário de busca* (BERNARDET, 2005, 142). Bernardet analisa dois filmes em sua fala, *33* (Kiko Goifman, Brasil, 2003) e *Passaporte Húngaro* (Sandra Kogut, França/Brasil, 2003), ambos narrados na primeira pessoa. No primeiro filme, o diretor, filho adotivo de uma família judia, propõe-se a buscar sua mãe biológica. Como naquele momento completava 33 anos, deu-se 33 dias para cumprir a tarefa. No segundo filme, a diretora é neta (por coincidência) de judeus húngaros que haviam imigrado antes da Segunda Guerra e resolve solicitar um passaporte que lhe dê nacionalidade húngara. Os dois filmes possuem um objetivo, os dois filmes desconhecem o resultado final, os dois filmes têm foco no processo. Segundo o autor:

(...) os cineastas não sabem se esse alvo será ou não atingido e não sabem de que forma será atingido. Portanto, a filmagem tende a se tornar a documentação do processo. Não há uma preparação do filme (a preparação é a própria filmagem), não há uma pesquisa prévia; a pesquisa que frequentemente no documentário é anterior à filmagem, é a própria filmagem.

⁵ Movimento Cinematográfico Brasileiro das décadas de 1950 e 1960 que buscava uma vinculação da produção nacional com o cinema moderno voltado para o social, influenciado pela Nouvelle Vague Francesa e pelo Neo Realismo Italiano.



(BERNARDET, 2005, 144)

As palavras de Bernardet mostram uma concepção utópica do ato de filmar buscando que o próprio filme responda as questões colocadas pela dúvida da vida do cineasta. Isto não acontece tão fácil e não aconteceu com Coutinho.

O segundo *Cabra* nasceu de alguns encontros fortuitos ou não e de muitas pesquisas que levaram a equipe de Coutinho aos antigos personagens, alguns deles, mas principalmente, à Elizabeth e seus filhos. O que era para ser ficção virou documental e Coutinho passou de trás para frente da câmera para nunca mais sair, inaugurando no Brasil um modo próprio de filmar e tornando-se um dos documentaristas mais importantes do cinema brasileiro moderno. Aqui se mostra um estilo autoral “coutiniano” com a ausência da locução, com o foco na vida pessoal das personagens eleitas pelo autor/diretor e com uma dimensão maior para que estas personagens possam se expressar. Conforme o pesquisador Claudio Bezerra em seu trabalho de doutorado, tudo isto acabou formando um movimento na obra do cineasta.

Tal movimento permite as personagens desenvolverem suas visões de mundo, tendo por limite a capacidade de convencimento, com uma intervenção mínima e pontual do diretor, fazendo poucas perguntas e oferecendo tempo suficiente para a liberação de uma fala espontânea e reveladora.

(BEZERRA, 2009, 22)

O ponto máximo do filme é o encontro de Eduardo Coutinho com Dona Elizabeth que, aquela altura, vivia clandestina da cidade de São Rafael, no Rio Grande do Norte, acompanhada apenas por um de seus filhos, Carlos, que conseguiu levar na fuga. O encontro foi intermediado por Abrahão, o filho mais velho, que atuava como jornalista na cidade de Patos na Paraíba e que impôs várias condições para permitir o acesso à mãe. Além disto, na primeira diária de Coutinho com Elizabeth, na presença



de Abrahão, a entrevista é carregada de censura e de interferência do discurso do filho, com elogios bastante duvidosos ao Presidente Figueiredo (na época), aprovados por Dona Elizabeth. Nas demais diárias, longe dos olhos do filho, Elizabeth se solta mais e consegue conversar com Coutinho usando sua própria voz.

Coutinho consegue também encontrar oito dos filhos de Elizabeth e João Pedro, espalhados pelo Nordeste e pela Baixada Fluminense. Cada um deles mostra uma história particular, mas todos trazem marcada na sua trajetória a questão da tragédia, da morte, da prisão, da fuga, da clandestinidade, da separação. Ao espectador dá a sensação de busca, de possibilidade de reencontro.

Abaixo imagens de Elizabeth Teixeira em dois momentos, nas primeiras filmagens de *Cabra* em 1964 e depois no encontro com o diretor em 1981.



Foto: Blog de Cinema – Diário do Nordeste. Acesso em 17/02/2015⁶

⁶ <http://blogs.diariodonordeste.com.br/blogdecinema/mostras-nacionais-de-cinema/cabra-marcado-para-morrer-encerra-a-mostra-cinema-e-direitos-humanos/>



A história de um filme que não aconteceu

Cabra marcado para morrer foi lançado no ano de 1984 e ganhou mais de dez prêmios em festivais sendo eles o de Melhor Documentário no Festival de Havana, em Cuba. Sua sinopse oficial⁷ conta a história de João Pedro Teixeira e da busca de Coutinho pelo filme interrompido.

O *segundo* *Cabra marcado para morrer* não uma mera continuação do primeiro, pois o filme que Eduardo Coutinho voltou para fazer em 1981 não era o mesmo que tinha iniciado em 1964. Ele mesmo não era o militante cepecista e idealista que acreditava em um país revolucionário. Um golpe militar, um pai de família com dois filhos para criar e um emprego em uma (já naquele momento) das maiores redes de televisão do mundo mudaram a visão da realidade de Coutinho, mas não o seu caráter. Era outro homem, era outro filme, mas sempre muito engajado politicamente, porém pertencendo a um contexto diferente.

Em texto escrito na época e depois publicado num caderno que acompanha a edição do DVD de 2014, Coutinho afirma que na época de realização do primeiro

⁷ Em 1962, o líder da liga Camponesa de Sapé (PB), João Pedro Teixeira, é assassinado por ordem de latifundiários. Um filme sobre sua vida começa a ser rodado em 1964, com a reconstituição ficcional da ação política que levou ao assassinato, e com a produção do CPC da UNE e do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, e direção de Eduardo Coutinho. As filmagens com a participação de camponeses do Engenho Galiléia (PE) e da viúva de João Pedro, Elizabeth Teixeira, são interrompidas pelo Golpe Militar em 1964. Dezesete anos depois, em 1981, Eduardo Coutinho retoma o projeto e procura Elizabeth Teixeira e outros participantes do filme interrompido, como o camponês João Virgílio, também atuante em ligas. O tema central passa a ser a história de cada um deles que, estimulados pela filmagem e revendo as imagens do passado, elaboram para a câmera os sentidos de suas experiências. João Virgílio conta a tortura e a prisão que sofreu neste período. Enquanto Elizabeth, que havia mudado de nome e vivia refugiada numa pequena cidade da Bahia com apenas um de seus dez filhos, emerge da clandestinidade e reassume sua identidade. Ela também fala de sua prisão e do reencontro com os filhos, antes dispersos por várias cidades do Brasil, e da tentativa de reconstituir suas vidas.

Site Cinemateca Brasileira.

<http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=025150&format=detailed.pft>

Acesso em 17/02/2015



projeto a idéia que pairava nos movimentos sociais de classe média é de que estes deveriam servir como arautos do povo.

Vinte anos atrás, diziam que devêramos ser os porta-vozes do povo. Eu não sou o porta-voz dos camponeses. Tal atitude seria demagógica. E também: jamais quis fazer um filme que fosse uma análise do movimento camponês, uma análise das contradições entre os partidos e as tendências. Também não pretendi que as pessoas reconstituíssem o passado, simplesmente porque é impossível reconstituir o passado. Quis fazer algo sobre a memória do presente, como me disse um espectador.

(Coutinho, 2014, p.15)

O material de pesquisa sobre a época fala sobre histórias interrompidas junto com o filme e sobre muita coisa inacabada. Coutinho voltou depois de dezessete anos a buscar um filme que não aconteceu, ou pelo menos que não aconteceu na sua plenitude assim como a sua própria história, interrompida e sem um desfecho. Parte da trajetória dele como cineasta ficou ali, interrompida, esperando um desfecho. Coutinho foi buscar em *Cabra marcado* uma resposta para a sua própria pergunta: o que havia acontecido a partir daquela data, o que havia acontecido com o cineasta, militante de esquerda, cepecista, documentarista que se tornaria o porta voz mais importante da redemocratização do país filmando sem parar até a sua morte ocorrida tragicamente aos oitenta anos (um dos filhos de Coutinho, portador de doença mental acabou assassinando o pai e machucando a mãe em um surto, em fevereiro de 2014).

A entrevista e a conversa

Além de buscar seu passado, resgatar uma história e revisitar a história do país, Coutinho imprimiu ao documentário brasileiro um jeito particular de entrevistar. Ao invés de grandes nomes participantes da história do país, Coutinho buscava o anônimo, aquele que o espectador não conhecia e transformava-o no protagonista da própria trama.



As histórias dessas pessoas nos chegam através de entrevistas feitas pelo próprio cineasta que, acompanhado de sua equipe, aparece nas imagens. A explicitação do método pelo diretor-personagem insiste em lembrar que o cinema é transformador da realidade retratada. E que o filme que ora assistimos é uma representação do real. (FROCHTENGARTEN, 2009, 126)

No segundo *Cabra* Coutinho revela a si mesmo tanto para o público quanto para Elizabeth e sua família. Tira a voz do locutor, o narrador invisível que figurava nos documentários sociológicos dos anos 1960 e 1970 e dá voz ao entrevistado.

Coutinho, na verdade, entrevista conversando. Ele se aproxima, mostra fotos, toma café, pergunta pela família e quando vê já está transformado num amigo confidente. Eles conversam com se não houvesse câmera, equipe nem nada. Coutinho fuma, oferece um cigarro à filha de Elizabeth, ela rejeita, diz que não gosta de “filtro amarelo”, tudo isto fica no corte final.

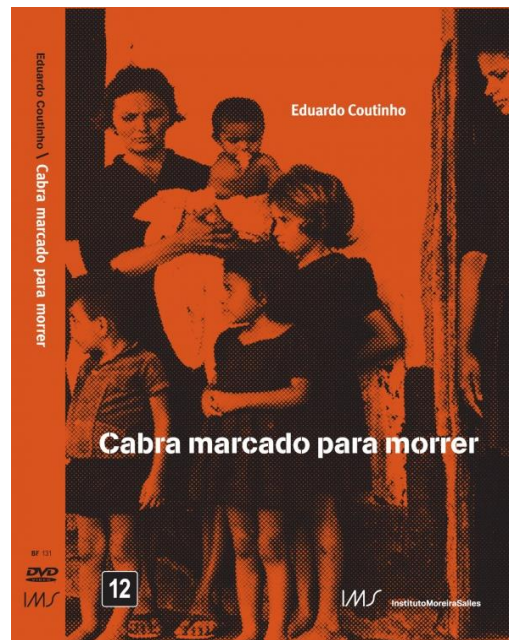
A aproximação entre entrevistador e entrevistado fazendo daquilo uma conversa entre amigos, dá ao espectador a ideia de proximidade, de veracidade. Coutinho sabe o que está fazendo e o que está dizendo.

Mestre, professor sem título acadêmico, formador de opinião e de várias gerações que começaram a fazer cinema durante e bem depois do início de sua trajetória profissional, Eduardo Coutinho foi um ícone do documentário no Brasil. Criou uma maneira de filmar e uma maneira de *coutiniar* uma entrevista. Ainda não surgiu ninguém como ele que consiga extrair de um entrevistado uma intimidade tamanha que o faça dizer aquilo que o público queira ouvir naquele momento. Isto é Coutinho.

Da primeira vez eu fui com as idéias prontas, com coisas que “tinham que aparecer”. O que eu aprendi na televisão, por exemplo – porque eu nunca tinha



feito um documentário antes -, é que se você se posta à distância de três metros de seu interlocutor pra não aparecer na imagem, você não está conversando com esta pessoa. Ninguém conversa a essa distância. Você tem de estar junto. Senão, é como se houvesse uma barreira, a pessoa fala como se estivesse falando para a polícia ou para o “cinema”, quer dizer, está prestando um depoimento. Mesmo que você procure quebrar essa barreira, todo depoimento se parece com depoimento policial.
(COUTINHO, 2014, p.14)



Capa do DVD lançado em 2014 pelo Instituto Moreira Salles

Por conta do lançamento do DVD de *Cabra marcado para morrer* pelo Instituto Moreira Salles⁸, Eduardo Coutinho buscou reencontrar um grupo de familiares de Elizabeth Teixeira e alguns dos participantes do filme de 1984 para compor dois documentários que se tornaram os extras do lançamento. Nesta empreitada ele

⁸ <http://www.ims.com.br/ims>



conseguiu fazer dois filme intitulados *A família de Elizabeth Teixeira* e *Sobreviventes de Galiléia*⁹.



Família de Elizabeth Teixeira em 2014¹⁰

Coutinho, durante estes trinta anos que separaram o lançamento do longa metragem e o lançamento do DVD, encontrara muitas vezes com Dona Elizabeth, mas nunca mais vira nenhum de seus filhos ou qualquer um dos outros personagens que auxiliaram a compor a história contada no filme.

Dona Elizabeth por sua vez trilhou um caminho próprio, foi vereadora de sua cidade, imergiu na luta pela reforma agrária e deu continuidade aquilo que fazia antes de cair clandestina, auxiliada pela publicidade que o filme lhe conferiu.

9. A família de Elizabeth Teixeira (65 min. Aprox.) e Sobreviventes de Galileia (27 min. Aprox.) de Eduardo Coutinho. 50 anos depois da ficção interrompida pelo golpe militar, em março de 1964, e 30 anos depois da conclusão do documentário, em março de 1984, um re-encontro com Elizabeth Teixeira e seus filhos e com os camponeses do engenho Galileia. Extra\ livreto Um filme marcado para reviver. Extra\ faixa comentada com Carlos Alberto Mattos, Eduardo Escorel e Eduardo Coutinho. (DVD Cabra marcado para morrer/ IMS, 2013)

¹⁰ <http://www.forumdoc.org.br/reviews/a-familia-de-elizabeth-teixeira/>



Estes filhos entrevistados por Coutinho falam então do passado, do presente e como passaram estes anos todos mediados pelo filme e o impacto que ele causou na sua vida, como a aproximação com a mãe e os irmãos, mas principalmente pelas palavras do próprio Coutinho:

O fato é o seguinte: desses filhos...O que interessa para o DVD que vai ser lançado é que esses filhos falam do passado, do presente, e como passaram esses anos todos [...] E, um pouco, o que você pega do filme é que você vê pela Elizabeth e pelos filhos o preço que eles pagaram pela morte do pai e pelo golpe. [...] E isso se chama o preço da militância e é de lascar. É de lascar, enfim, um irmão matou o outro, os dois morreram com menos de cinquenta anos. A filha mais moça tem mágoas profundas da mãe, enfim...
(SCOREL, 2014)

A historiografia do cinema brasileiro coloca em alguns momentos que Coutinho quando retornou à Galiléia foi para retomar o filme interrompido. Colocamos aqui, porém que o filme feito em 1981 e lançado em 1984, não é o mesmo de 1964. São duas realidades diferentes, que apresentam inclusive duas Elizabeths diferentes: a militante camponesa e depois a reclusa, clandestina moradora da cidadezinha de São Rafael no Rio Grande do Norte.

O próprio diretor estava em outro estágio de sua vida. O Cabra que levou Coutinho novamente ao Engenho Galiléia era diferente com outros objetivos e resultados inesperados (talvez nisto se pareça com o primeiro, só que desta vez de forma positiva).

Esta história não acaba aqui, apesar da falta de Coutinho, seu legado deixou uma série seguidores e um marco estruturante no audiovisual brasileiro. Coutinho foi sem dúvida nenhuma um grande entrevistador, que conseguia dar ao ser entrevistado uma liberdade total e estabelecer um grau de suprema intimidade. Ele era de casa, entrava na casa das pessoas, tomava café, fumava infinitos cigarros e conversava pelos



cotovelos. Assim era Coutinho, um mestre que mais ouvia do que perguntava, que dava liberdade para que seu interlocutor ficasse tão, mas tão à vontade que quase se tornasse o entrevistador.

Referências

1. PAIVA, Samuel; SOUZA, Gustavo. Roteiros abertos em filmes de busca. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 37, n. 1, June 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442014000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Feb. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442014000100009>.
2. CAETANO, Maria do Rosario. **Os herdeiros do Cabra Marcado para Morrer**. Brasil de Fato – Uma visão popular do Brasil e do mundo – São Paulo, 03/04/2014 <http://www.brasildefato.com.br/node/28022> - Acessado em 13/02/2015
3. COUTINHO, Eduardo. **Cabra marcado pra morrer**. Lua Nova [online]. 1984, vol.1, n.2 [cited 2015-02-17], pp. 70-74. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451984000200016&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-6445. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451984000200016>.
4. BERNARDET, Jean Claude. **Documentários de busca: 33 e Passaporte Húngaro**. In MOURÃO, Maria Dora e LABAKI, Amir (orgs.). O cinema do real. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
5. Bezerra, Cláudio Roberto de Araújo. **Documentário e performance: modos de a personagem marcar presença no cinema de Eduardo Coutinho**. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Orientador: Prof. Dr. Fernão Vitor Pessoa de Almeida Ramos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.



6. ESCOREL, Eduardo. **Cabra Marcado para Morrer em DVD. Questões Cinematográficas.** Revista Piauí. <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-cinematograficas/geral/cabra-marcado-em-dvd>. Acesso em 18/02/2015.
7. **Cabra Marcado Para Morrer.** Eduardo Coutinho. Livro complemento do DVD. Instituto Moreira Salles. 2014.
8. FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho.** Psicol. USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, mar. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 abr. 2016
9. AVELLAR, José Carlos. <http://www.blogdoims.com.br/ims/algo-extraordinario-por-jose-carlos-avellar>